

# **NOS BASTIDORES DO FUTEBOL: AS RELAÇÕES ENTRE ATLETA/EMPRESÁRIO DO PONTO DE VISTA DA MEMÓRIA DE JOGADORES PROFISSIONAIS**

Everton de Albuquerque Cavalcanti<sup>1</sup>

Vinícius Machado de Oliveira<sup>2</sup>

Juliano de Souza<sup>3</sup>

André Mendes Capraro<sup>4</sup>

**Resumo:** Este estudo objetivou entender a influência dos empresários na carreira de atletas de futebol. Participaram da pesquisa cinco atletas profissionais, os quais foram submetidos a entrevistas sistematizadas pela metodologia da história oral. Após a transcrição das entrevistas e análise das informações, verificamos que a trama relacional entre atleta e empresário é, em grande medida, balizada por um notório desequilíbrio de poder. Em que pese, em determinadas situações, os atletas detenham alguma autonomia sobre suas carreiras, na maioria das vezes, o empresário tem forte influência e decisão nesse meio, sobretudo quando os atletas estão desempregados.

**Palavras-chave:** Interdependência; Oralidade; Poder.

## **Behind the scenes of football: the relationship between the athlete/businessman point of view of the memory of professional players**

**Abstract:** This study aimed to understand the influence of entrepreneurs in the career of soccer athletes. Five professional athletes participated in the research or those who were submitted to interviews systematized by the methodology of oral history. After transcribing the interviews and analyzing the information, it appears that the relational relationship between athlete and entrepreneur is, to a large extent, marked by a history of power imbalance. In case of suspicion, in situations of danger in the holders of some frequency range, in most cases, the entrepreneur has a strong influence and should be considered in this environment, especially when the athletes are unemployed.

**Keywords:** Interdependence; Orality; Power.

## **Entre bastidores del fútbol: la relación atleta/empresario desde el punto de vista de la memoria de los jugadores profesionales**

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo comprender la influencia de los empresarios en la carrera de los atletas de fútbol. Participaron de la investigación cinco atletas profesionales, que fueron sometidos a entrevistas sistematizadas por la metodología de la historia oral. Tras transcribir las entrevistas y analizar la información, encontramos que la trama relacional entre deportista y empresario está, en gran medida, marcada por un notorio desequilibrio de poder. No obstante, en determinadas situaciones los

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; [profevertoncavalcanti@gmail.com](mailto:profevertoncavalcanti@gmail.com); Corumbá-MS – Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Maringá; [oliveira\\_vm@hotmail.com](mailto:oliveira_vm@hotmail.com); Maringá-PR – Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Maringá; [julianoedf@yahoo.com.br](mailto:julianoedf@yahoo.com.br); Maringá-PR – Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal do Paraná; [andrecapraro@gmail.com](mailto:andrecapraro@gmail.com); Curitiba-PR – Brasil.

deportistas tienen cierta autonomía sobre sus carreras, la mayoría de las veces el empresario tiene una fuerte influencia y decisión en este entorno, especialmente cuando los deportistas están desempleados.

**Palabras-clave:** Interdependencia; oralidad; Energía.

## Introdução

O futebol, a despeito de outros espaços sociais, trata-se de uma configuração em que cada indivíduo influencia e é influenciado por outros agentes que entrecruzam esse meio. Essa influência mútua indica um desequilíbrio de força entre os participantes do jogo social, haja vista que tais relações pressupõem certa quantidade de poder para os inseridos nessa disputa metafórica (TALAMONI; OLIVEIRA & HUNGER, 2013).

Esse jogo competitivo foi visibilizado, em certa medida, devido à representatividade que o futebol alcançou na contemporaneidade, principalmente no que se refere ao plano econômico, pois, como é sabido, a prática passou por um profundo processo de espetacularização, o que fez desse esporte um produto de valor mercadológico considerável (DAMO, 2008). Nesse sentido, a espetacularização da prática contribuiu para que as configurações desse meio se ampliassem e se tornassem mais complexas. Ou seja, a trama relacional presente no futebol já não é mais apenas daqueles que atuam em campo, mas também de outros atores sociais que influenciam a organização e a lógica desse subcampo do campo esportivo (SOUZA, 2014).

Evidentemente que, ao pensarmos na estrutura do ambiente de jogo em si, as primeiras configurações que nos vêm à memória são aquelas que encampam a relação entre atleta e treinador ou equipe e torcida. No entanto, existe uma relação social que se dá nos bastidores do futebol e que exerce grande impacto no funcionamento do esporte contemporâneo. Trata-se mais especificamente da relação entre atleta e empresário, um tema pouco investigado na literatura sócio-histórico-antropológica sobre futebol, mas já abordada em alguns estudos pontuais (DAMO, 2008; RODRIGUES, 2007; LEONCINI, 2001).

Por empresários do futebol, também conhecidos como “agentes FIFA”, estamos chamando aqueles sujeitos autorizados pela *Fédération Internationale de Football Association* a negociar jogadores, sendo considerados no mercado do futebol como “[...] ativos intangíveis de alto valor, pois são estes ‘insumos’ que fazem o espetáculo” (LEONCINI, 2001, p. 49). Em outras palavras, é evidente, que, no contexto da modernidade, a grosso modo, atletas passaram a se tornar mercadorias, sendo responsabilidade dos empresários administrar a venda desses produtos. Embora exista uma “cumplicidade objetiva” (LAHIRE, 2017) permeando essa trama, está claro que a realidade de muitos jogadores é a de interdependência direta com os seus empresários e clubes, mesmo na percepção de rompimento dessas relações.

Nessa linha de raciocínio, é oportuno destacar que nem a própria Lei Pelé (9.615/98), que versa em uma de suas disposições acerca do fim

do passe, conseguiu garantir absoluta liberdade de exercício da profissão aos atletas, já que decretos e medidas provisórias foram criadas com intuito de favorecer os clubes, através de multas rescisórias, e os empresários, mediante a taxas de intermediação (RODRIGUES, 2007). Portanto, ainda que os atletas sejam os personagens centrais do jogo, há atores sociais de fora, como é o caso dos empresários que se beneficiam desse campo.

Dito isso, o objetivo deste estudo foi entender a influência dos empresários na carreira de atletas, por meio das memórias de jogadores e ex-jogadores de futebol profissional no que diz respeito às relações com tais agentes. Nesse campo de discussão, vale ressaltar que cada história aqui analisada não tem por objetivo realizar pré-julgamento de um sujeito ou categoria em específico, mas debater questões relevantes que nos permitam traduzir a relação interdependente entre atleta e empresário.

Em termos de encaminhamentos metodológicos, a coleta de dados para a composição das análises foi realizada por via da história oral. Em linhas gerais, essa metodologia de pesquisa é caracterizada por entrevistas que são realizadas com determinado indivíduo ou público, a fim de possibilitar o pesquisador compreender alguma realidade ou objeto de investigação por meio das narrativas dos entrevistados (ALBERTI, 2005).

Fizeram parte da pesquisa cinco atletas profissionais de futebol, sendo três ex-atletas e dois em atividade, cujas identidades foram resguardadas devido ao caráter polêmico que algumas narrativas poderiam apresentar. Os participantes do estudo eram homens com idades compreendidas entre 25 e 35 anos, todos atuantes em nível estadual; três alcançando nível nacional e um nível internacional<sup>5</sup>. A seleção dos entrevistados se deu de maneira não aleatória e por conveniência de acordo com a voluntariedade dos atletas.

No que se refere aos procedimentos de organização dos dados, na passagem do oral para o escrito, optamos por trabalhar com a transcrição, eliminando vícios de linguagem, porém, preservando a originalidade da produção inicial (ALBERTI, 2003). Cabe sublinhar também que, na identificação de figuras públicas, alteramos os nomes devido a questões éticas relacionadas à abordagem de temas polêmicos.

As entrevistas foram realizadas individualmente, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, e nos espaços indicados por eles. Preparamos um roteiro semiestruturado com uma pergunta base, solicitando que o entrevistado falasse sobre sua relação com empresários. Em seguida, abordamos perguntas com relação a possíveis desvios de conduta desses agentes, bem como o envolvimento em polêmicas.

Assim, organizamos o texto em duas partes: em um primeiro momento, abordamos a constituição e consolidação da relação entre empresário e jogador de futebol, demonstrando aspectos como a

---

<sup>5</sup> Entendemos nível estadual como sendo a atuação em campeonatos regionais; nível nacional, a disputa das séries A e B do Campeonato Brasileiro, e, nível internacional, a primeira divisão dos campeonatos europeus.

familiaridade, a confiança e a proatividade dos agentes na resolução de problemas extracampo. Em um segundo momento, abordamos aspectos positivos e negativos do empresário, bem como os desequilíbrios de poder em contextos específicos da ação desses indivíduos.

### **Relações de uma estrutura consolidada: as intermediações no futebol**

A figura do empresário se consolidou no futebol como o intermediário na negociação dos jogadores com os clubes. Além de, em alguns casos, prestarem serviços jurídicos e colaborarem na adaptação com relação às mudanças características que os atletas passam ao longo da carreira, tais como: adaptação à cidade, clube, língua, alimentação e moradia (GREEN & GHAYE, 2021; JAHNECKA, 2018; MÓSCA, SILVA & BASTOS, 2009).

Desde as categorias de formação, os empresários iniciam a captação de atletas com o intuito de ter, à sua disposição, bons produtos para o mercado do esporte. Diante desse objetivo, alguns acabam se comprometendo com os atletas para além do campo esportivo, suprindo necessidades que transcendem o próprio esporte. Exemplo disso é a aproximação do empresário com a família dos jovens, que, muitas das vezes, em estado de vulnerabilidade social, é acolhida por esse indivíduo por via da oferta de empregos ou outras prerrogativas. Isso gera a sensação de cuidado e preocupação para com o atleta, como podemos visualizar no relato do segundo entrevistado.

A minha relação com o meu empresário sempre foi muito próxima, porque eu jogava com o filho dele na AABB desde os sete anos. Então, minha ligação com ele foi muito boa, muito aberta, coisa que eu não vi com outros empresários. Eu tive também esse ponto positivo, porque eu tive um percurso próximo à família deles, e eles da minha família. Qualquer transação, qualquer movimentação, qualquer proposta, a gente sabia (JOGADOR 2, 2016).

O empresário identifica o potencial do atleta e, a partir disso, estabelece uma relação de confiança com a família, visto que “para ter direito à redistribuição dos ganhos tidos como produtos do dom é preciso fazer por merecer, conquanto existam mil e uma estratégias para tal, dentre as quais a contração de um crédito por intermédio de favores” (DAMO, 2008, p. 142). Ou seja, o empresário adota estratégias para cooptar os jovens atletas, sabendo que é um investimento que a médio e longo prazo lhe trará retorno (SPAGGIARI, 2015).

Vale destacar ainda que a fala do jogador 2 evidencia que esse tipo de relação pode se estabelecer desde a infância, retratando a tentativa dos empresários em estabelecer vínculos mais afetivos que gerem uma boa impressão sobre suas intenções para com o futuro do atleta.

Dentre as modificações estruturais advindas da nova legislação do futebol, os empresários passaram a ser figuras importantes no cenário

de revelação e gerenciamento da carreira de jogadores (SPAGGIARI, 2015; MARTINS & REITER, 2010). Os talentos esportivos crescem reconhecendo o empresário como essencial em suas trajetórias esportivas, sem os quais o crescimento profissional pode ser de alguma forma limitado ou prejudicado. Essa compreensão é intensificada quando os atletas alcançam o alto rendimento, como podemos verificar a partir da narrativa do jogador 5.

Assim, muitos dos contatos que você tem; jogador acaba empregando jogador, mas se você não tiver um contato bom com um empresário, você não consegue se empregar, porque eles têm contato com todo mundo, com diretor, com presidente, com treinador. Eu acho que o empresário faz uma diferença (JOGADOR 5, 2016).

Em termos de leitura social dessa narrativa, depreende-se que a importância do empresário está diretamente relacionada ao seu potencial de poder e articulação no jogo das relações sociais (ELIAS, 2011). Essa capacidade de relacionamento interpessoal com os demais agentes da configuração, torna-o imprescindível, segundo a narrativa, atribuindo-lhe força política central no futebol (RIAL, 2008; PARRISH, 2007), ao menos na perspectiva do atleta em atividade cuja narrativa tem relação direta com o contexto em que a entrevista acontece (SMITH, 2012).

Em outras palavras, o atleta em questão construiu e reduziu o seu discurso a partir de sua realidade no tempo presente, demonstrando a clara necessidade de vincular-se a algum empresário no propósito de se manter valorizado ou até mesmo evitar o desemprego no mundo esportivo. A fala a seguir reforça ainda mais essa necessidade.

Não tem hoje que eu possa te dizer ajuda ou não ajuda. É preciso, faz parte, porque sem contato, você ter que ligar e resolver, às vezes é meio difícil. Porque às vezes você, mesmo ligando, o cara já pode: “ih, jogador está me ligando? Está desesperado querendo emprego”. Agora, quando chega um empresário na frente falando: “Olha, tem um jogador aqui, que está assim, assim, desse jeito”, já olha diferente, entendeu? É assim (JOGADOR 5, 2016).

A consolidação e representatividade da figura do empresário no contexto futebolístico pode ser percebida no processo de regulamentação de sua atuação pela FIFA, que objetivou organizar o trabalho dos agentes e conseqüentemente, proteger os atletas<sup>6</sup> (SPAGGIARI, 2015). Como percebemos em Rodrigues (2007), que entrevistou 97 jogadores de futebol profissional das séries A, B e C em sua pesquisa de doutorado, entre os participantes, 78,35% declararam possuir empresário e 73,20% afirmaram ser positiva e necessária a atuação desses profissionais, tornando-se parte da estrutura organizacional responsável pela inserção do atleta no mercado de trabalho.

---

<sup>6</sup>A regulamentação ocorreu em 1994, porém, em outubro de 2010, a FIFA anunciou a desregulamentação da profissão de agente FIFA, já que a maioria das transferências ocorriam por intermédio de empresários não credenciados.

Além disso, a narrativa reflete a compreensão do “eu” de forma coletiva e individual, em que as singularidades do sujeito assumem também um compromisso com a comunidade profissional em que está inserido (BRUNER, 2014). É a autorreflexão das dificuldades que o entrevistado viveu que determina seu posicionamento acerca da inserção e influência do empresário no futebol.

Logo, muito embora o empresário de futebol seja estigmatizado negativamente, ele é um reflexo social de tantas outras relações interdependentes em que cada agente envolvido no jogo busca estratégias para obter domínio sobre os outros jogadores da configuração (ELIAS, 2011). Como observamos no relato do jogador 1:

Na lei atual, eu teria um empresário. Ele que negociaria, faria um tumulto, ou ia tentar ver uma situação para que eu saísse, ia tentar se esforçar um pouco mais para fazer esse meio de campo, mas eu, na época, “beleza, se for para o Santos, se não for agora, mas tomara que dê certo”. Hoje parece que o menino com 16, 17 tem mais malícia, ele, o pai, todo mundo. Tem o caso de um amigo nosso, da família, que está no Coxa. O Coxa queria assinar um contrato com ele; ele: “não, só assino mais um ano”, a mãe, o pai dele. Mas já vendo uma questão, não deu ali, já tem lá, já é automático, é muito rápido. Eu pequei nesse aspecto por não ter essa assessoria, por não ter um plano B (JOGADOR 1, 2016).

A característica da memória ressignificar o passado no presente notabiliza a frustração quanto à forma do atleta refletir sobre sua trajetória (PORTELLI, 2010). Ademais, expõe o futebol como prática mercadológica que consolidou o empresário no processo de mediação entre clubes e atletas, devido à oferta e demanda de jogadores buscando uma oportunidade de ascensão social. Nesse espaço competitivo “[...] se percebe que o jogador necessita de ‘olheiros’, empresários e agentes para ser revelado e contratado por um clube de futebol e, sobretudo, na realização de satisfatórias transferências financeiras” (CEDRO, 2014, p. 22).

Desse contexto, emerge a percepção das narrativas ao relativizar o estigma negativo dos empresários, visto sua influência nos clubes. A força inerente a esses sujeitos na configuração permite determinar o rumo do jogo social e a conquista do que está em disputa (ELIAS, 2011).

O jogador um continua:

Se eu tivesse um empresário ele ia falar: “não, você está louco, esse piá estava no Cruzeiro, vai ficar na reserva? Nem pensar, pode dar o passe, já vamos para outro clube”. Não vai no Rio Branco, vai na Caldense. E eu não, eu ficava quietinho, aceitei o banco. Nem viajava com o time, ganhava mais do que os piás que estavam indo. Hoje o empresário chega assim: “Agora você vai fazer um tumulto pra sair, você não pode ficar no banco”. Tem que ser assim, muito rápido, você está no Cruzeiro, não posso ficar no banco do Rio Branco. Foi loucura minha aceitar! (indignação). Tinha que ter fechado o tempo, ter saído (JOGADOR 1, 2016).

O fim da lei do passe flexibilizou os contratos de trabalho, com a intenção de dar maior liberdade de escolha aos atletas, reduzindo o poder dos clubes que formavam os jogadores em um mecanismo paternalista e servil (KELLY & CHATZIEFSTATHIOU, 2017; RODRIGUES, 2007). Com essa flexibilidade, os empresários passaram a atender os interesses de atletas nas negociações dos contratos de trabalho, além de outras demandas extracampo (MÓSCA, SILVA & BASTOS, 2009; SMIENK, 2009). No entanto, no que tange a questões externas à prática, depreende-se que a subserviência do atleta foi apenas transferida do clube para o empresário, ficando sua carreira sobre o domínio de terceiros, como, de certa forma, retratado pelos informantes. Acerca disso, o jogador 2 relatou:

O que realmente fica sabendo é a luva, o que a gente recebe para assinar e o teu tempo de contrato com os valores. Daí, no caso, opção de compra, que, como na minha transição do Paraná para o Porto, foi muito complicada. Eram muitas porcentagens que meu empresário queria, porque daí, ele me ligou a um clube, vendeu uma parte, e a outra ficou com ele. Disso eu ficava distante, até porque eu era jovem, acreditava e confiava nele. Mas em relação às porcentagens que ele apresentava para o clube, isso a gente não tinha ideia (JOGADOR 2, 2016).

A mediação profissional entre clube e jogador por parte do empresário se dá à medida que o atleta não tem conhecimento do seu valor de mercado na indústria cultural, haja vista que “[...] o salário depende de muitos fatores e tem a negociação do contrato como ponto decisivo [...]” (RIAL, 2008, p. 41) na trajetória profissional desses indivíduos, que têm uma carreira curta.

Além da burocracia com documentos e questões jurídicas que, segundo a narrativa tornam o empresário esse facilitador “[...] negociando seus contratos de trabalho e transferências”, além de “[...] assessorar o jogador em assuntos pessoais, profissionais, econômicos, fiscais e legais” (PAOLI, 2007, p. 74), tarefas devem ser atribuídas a alguém de confiança como o próprio discurso do entrevistado enfatizou.

Dessa forma, por meio das narrativas expostas, mesmo que as memórias apresentadas sejam dotadas de subjetividade e caracterizadas por um contexto específico, tratam de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2013), devido à discussão de histórias semelhantes no futebol.

### **Dentre aspectos positivos e negativos: a influência dos empresários**

Percebemos, até o momento, que a relação entre atleta e empresário se consolidou como essencial no meio do futebol. No entanto, é possível identificarmos contextos específicos em que a influência na carreira do atleta pode ser positiva ou negativa, sinalizando que, em alguns momentos, existem desequilíbrios de poder que tendem a

privilegiar somente um dos lados, como é relatado pelo jogador 2 na sequência.

Eu sei de atleta que está no Atlético-MG, não vou falar o nome. Saiu de um clube aqui de Curitiba, foi vendido para a Europa por 1.000.000,00, e o atleta só recebeu 12.000,00. É complicado. A gente sabe que o maior produto da negociação é o atleta, o qual ficou com a minoria da parte. Até do Rafael, quando ele foi para o Porto, ou quando ele foi para o Dínamo, os empresários brigaram, porque um ficou com uma parte do outro, o outro ficou com uma parte a mais, e o outro falou que ia pagar, e não pagou. É difícil, mas no meio do futebol acontecem essas coisas (JOGADOR 2, 2016).

Os empresários dividem opiniões no meio do futebol. Como expomos anteriormente, esses indivíduos tornaram-se um elo que atende os interesses dos jogadores perante os clubes. Entretanto, há quem defenda que esses atores sociais se preocupam apenas com o lucro obtido nas negociações, tratando os atletas como mercadorias (KELLY & CHATZIEFSTATHIOU, 2017; RODRIGUES, 2007).

Assim, com base nas narrativas e nas referências apresentadas até aqui, notamos como a relação entre empresário e atleta se consolidou de forma semelhante a outros vínculos de trabalho, caracterizando disputas de poder que estão relacionadas à capacidade de saber jogar o jogo social, de acordo com as particularidades de cada configuração (ELIAS, 2011).

A narrativa do jogador 2, ao retratar histórias de colegas de profissão, refletiu os acontecimentos vividos por tabela<sup>7</sup> (POLLAK, 1992) que nos levaram a duas situações: 1) na relação empresário e jogador, a balança de poder tende para o primeiro, visto compreender as regras do jogo social mais facilmente do que o segundo; 2) o que não acontece no confronto entre dois empresários, em que aumenta a imprevisibilidade da disputa ao tratar de agentes com níveis semelhantes de compreensão da configuração.

O discurso, portanto, expõe a categoria dos jogadores como vítima nessa relação, aceitando e internalizando a estigmatização de que o atleta não entende as questões extracampo de sua profissão. Acerca disso, o quarto entrevistado reflete:

(Jogador manja quanto o empresário está levando?). Uma porcentagem pequena. Tem muito jogador “burro”. Não quero falar assim “burro” de tapado, mas “burro” de não conhecer, de ler o contrato e não conseguir entender, de às vezes o cara colocar no contrato uma pegadinha para ele, e ele achar que está tranquilo. Ele só fala o que o jogador vai ganhar. Ele fala: “nesse contrato aqui, se aparecer um negócio para fora, você vai ganhar 200.000,00”, mas ele não fala que se aparecer um negócio para fora ele vai ganhar 2.000.000,00. Eles veem muito a parte deles, porque, muitas vezes, em uma negociação, eles têm que tirar dinheiro para mais 40, que vai dar errado (JOGADOR 4, 2016).

<sup>7</sup> Trata-se de experiências vividas por outras pessoas, que o entrevistado reconta como uma memória que lhe foi repassada.



A falta de conhecimento das questões extracampo tornam o jogador dependente do empresário (GUERRA & SOUZA, 2008), além do que o futebol é um espaço profissional de alto valor econômico, em que os interesses pessoais se notabilizam nas disputas de poder em determinados casos (GREEN & GHAYE, 2021).

A narrativa analisa os fatos pela concepção do politicamente correto, e essa forma de lidar com as questões evidenciam o contexto atual do jogador 4, visto ter em torno de dez anos de carreira profissional, e suas experiências, nesse período, condicionarem seu discurso, notabilizando sua formação narrativa de caráter politizado (SMITH, 2012).

Ainda sobre a influência do empresário e das disparidades de poder nessa trama relacional, o jogador 3 discorre:

Empresário tenta fazer esquema com o técnico, às vezes, o empresário que tem moral. Porque, assim, geralmente, o empresário pede 10% do salário do jogador quando arruma um time. Quando ele tem muita moral e sabe que vai te colocar num lugar, ele pede 30 (%). “Não, você está sem time, eu vou te colocar no São Paulo, eu quero 30%”. Aí eu não sei até que ponto é errado, porque se ele está me pegando sem time e me colocando em um time bom, talvez não seja tão errado assim (JOGADOR 3, 2016).

O empresário influente no meio do futebol dispõe de poder suficiente para conduzir o jogo da maneira que satisfaça seus interesses, haja vista sua força nas relações estabelecidas no jogo social (ELIAS, 2011). Assim, percebemos pelo discurso do entrevistado que o limiar da legalidade ou ilegalidade das atitudes do empresário recai na compreensão de sua capacidade de jogar o jogo social, consolidando-se pelo potencial de articulação e comunicação, exigência para aqueles que almejam sucesso no futebol (LEONCINI, 2001).

Em síntese, os empresários, por estarem ligados a redes de interdependência mais amplas e diferenciadas (ELIAS, 2011) e, também por conhecerem mais profundamente o dinamismo dos bastidores do futebol, acabam utilizando dessa prerrogativa para se beneficiar em cima da fragilidade dos atletas, como sugere o terceiro entrevistado:

Uma coisa que acontecia muito era o jogador está em tal time, está jogando bem, quer ser vendido, paga tanto para a CBF, para o técnico ou para alguém para ser convocado. O passe dele vai triplicar, quadruplicar, vai aumentar muito e daí faz uma venda melhor. Então, para o empresário, é um investimento. Eu pago 200 mil para o, por exemplo, o caso do Alexandre, eu pago 200 mil para ele ser convocado e depois eu o vendo por não sei quantos milhões, então, 200 mil não é nada. E os esquemas de empresário, acho que é isso, e muitas vezes é falar para o jogador que vendeu o passe por 100 mil e vendeu por 300, muitas vezes, acontece isso, recebe por fora o restante (JOGADOR 3, 2016).

A partir da fala do atleta, é interessante notar que, embora não tenha vivenciado o contexto relatado propriamente dito, ele atribui importância a um tema polêmico, incorporando fatos históricos em sua memória através dos acontecimentos vividos por tabela (POLLAK, 1992). Ou seja, ainda que ele não seja o protagonista da história relatada, ele se utiliza de um exemplo que não viveu para reforçar o seu argumento ou se posicionar em torno do assunto - nesse caso, em específico, para relatar o desvio de conduta do empresário.

Em se tratando de conduta no mundo esportivo, parece razoável que a corrupção atingiu o futebol devido à força econômica que estruturou esse esporte profissionalmente. A busca pela hegemonia sobre práticas lucrativas tornou as relações sociais pautadas pelas disputas de poder que visam a atender interesses específicos. Consequentemente, o jogo social pauta-se também por jogadas informais em que se utilizam de posição privilegiada na configuração para cometer desvios de conduta em benefício de um grupo restrito (AZEVEDO & REBELO, 2001).

A referência ao pagamento por convocação – como retratado na fala do jogador 3 – trata de uma memória velada, apresentada inclusive pelo senso comum. Nessa esteira, para além de atestar a veracidade desses casos, entendemos que eles fazem parte de uma conjuntura social que possibilita discutirmos esse tipo de problema no futebol.

Diante disso, é notável que sua posição atual nesse contexto propicia uma liberdade de expressão que talvez não fosse possível se ainda estivesse inserido no futebol profissional. Portanto, é compreensível que as reações, os gestos e a ironia que compõem sua narrativa determinem as características de um discurso polêmico (SMITH, 2012). Contudo, ainda que o atleta profissional tenha a dimensão que o empresário possa de alguma forma lesá-lo, ele reconhece que, sem a figura desse agente social, teria poucas oportunidades em sua carreira. O jogador 3 complementa:

Foi uma época em que todo jogador queria jogar fora do país, e quase ninguém da minha idade tinha oportunidade, depois que começaram a ir meninos de 15, 14, 13. Como no Atlético-PR, a probabilidade de profissionalizar, no Coxa também, era pequena, porque tinha muito jogador bom, muito empresário forte. Então, apareceram umas oportunidades assim, e eu resolvia ir e todas as vezes também. O empresário falava que era algo certo, que ia chegar e assinar contrato. Nunca ele falou: “você vai chegar lá e fazer teste”. (JOGADOR 3, 2016)

Para além das capacidades esportivas, o discurso em análise ressalta que a competitividade por um espaço nos grandes clubes está relacionada ao jogo social, visto que “[...] um candidato a jogador que não conta com um empresário, tem suas chances de aproveitamento em um clube reduzidas” (PAOLI, 2007, p. 75).

Como está consolidado enquanto parte da organização, tem-se a visão de que [...] é o empresário que realmente os insere no mercado de trabalho [...] (RODRIGUES, 2007, p. 245), proporcionando-lhes uma posição de poder decisiva nas relações sociais estabelecidas no futebol.

Todavia, essa força simbólica inerente à função do empresário torna o atleta vulnerável a promessas que talvez não possam ser cumpridas, face às expectativas dos jovens atletas. Portanto, se os mais inexperientes não tiverem compreensão desse jogo, que, muitas das vezes, encontra-se velado, podem ter suas decisões pouco levadas em consideração, como, de certa forma, ilustrado na fala do jogador 4:

Depende do empresário. Eu conheço empresários que ajudam muito, porque tem uns atletas que parece que tentam atrapalhar a própria carreira. Mas tem muito cara falcatrua, muito cara que acaba atrapalhando bem mais do que ajuda. Eu até entendo eles, porque eles trabalham para ganhar o deles e acabam não vendo o que o jogador quer; muitas vezes, nem pensa na vontade do jogador (JOGADOR 4, 2016).

O estigma do empresário como prejudicial ao futebol é relativizado pelos próprios atletas, devido a essa necessidade de ter uma pessoa responsável por facilitar a resolução de questões extracampo (RODRIGUES, 2007). Nesse sentido, como já mencionado, embora os atletas profissionais tenham o entendimento de que os empresários estejam suscetíveis a transgressões, ainda sim, tentam manter certa cumplicidade objetiva, pois sabem que sem a atuação desse ator social nos bastidores do futebol, talvez não consigam alcançar seus objetivos dentro do esporte.

Entre outras questões, os casos de transgressão no esporte podem ser lidos a partir das disputas de poder nos espaços distintivos, em que posições dominantes podem desvirtuar as ações humanas em qualquer área de atuação profissional, tornando-se um problema nas diferentes configurações sociais. Ainda sobre o poder do empresário no campo profissional do futebol, o jogador 4 argumentou:

Futebol virou negócio, ainda tem pessoas com uma índole boa, que têm caráter, mas é o que eu falo dos políticos do Brasil; quando você se vê com tanto dinheiro na sua frente, porque às vezes, na negociação de um jogador, você ganha mais dinheiro do que tanta gente ganhou na vida inteira. Então, tem história de você querer contratar um, mas ter que levar outro. Se você for pegar, vai ver, contratou quatro, os quatro do mesmo empresário, provavelmente o cara só queria um ou dois, mas teve que levar os quatro (JOGADOR 4, 2016).

A narrativa do jogador 4 reage à polêmica, compreendendo o limiar entre regularidade e irregularidade de acordo com sua formação humana e as experiências vividas. Isso reitera que as fontes orais são carregadas de juízo de valor e determinam a compreensão do entrevistado a respeito da conduta dos empresários que, de alguma forma, fizeram parte de sua trajetória (BOSI, 2003).

Dessa forma, notamos que a consolidação do empresário passa pelo processo de espetacularização da modalidade, visto que a maioria dos negócios no campo esportivo brasileiro concentram-se no futebol, tornando-o um dos espaços mais atraentes para investimentos que

objetivam retorno financeiro (FERNANDES, 2000). Assim, os valores econômicos envolvidos nesse mercado geram disputas pela hegemonia do espaço, pela manutenção da posição na estrutura e pelo controle do jogo social.

Em que pese a maioria dos atletas concordarem a respeito da importância do empresário, há alguns que reforçam sua leitura negativa acerca desse agente social, julgando não tão essencial a atuação desse personagem. Sobre isso, o jogador 4 reforça seu posicionamento:

Eu estava na categoria de base ainda, até porque meu primeiro contrato já foi na lei atual, não tinha mais aquela Lei de Passe. Fui eu mesmo. Nunca tive empresário, até porque nenhum bom veio atrás de mim, se tivesse um cara bom, mas só veio os barca furada. Até era meio complicado para mim, porque chegava fim de ano, eu que tinha que correr atrás das coisas, e queira ou não queira. O empresário abre muitas portas para você. O empresário tem os dois lados, tem a parte boa, que é quando você está desempregado e precisa dele, e a parte ruim, quando você está empregado, e ele precisa de você. Então, agora, no momento em que eu estou empregado, eu acho bem mais tranquilo estar sozinho do que com um cara que fosse atrapalhar (JOGADOR 4, 2016).

As relações interdependentes se estabelecem por meio da necessidade mútua entre os agentes de uma mesma configuração, sendo que suas posições no jogo social determinam a força inerente a cada jogador nas diferentes fases de uma disputa (ELIAS, 2011). No caso do nosso informante, percebemos que ele se encontra numa posição confortável no meio esportivo, não tendo a necessidade de ampliar sua rede de interdependência para se firmar no jogo, muito embora ele reconheça a importância do empresário em uma situação desfavorável.

Nesse contexto, a narrativa do jogador 4 perspectivou essa ideia ao retratar o grau de dependência de ambos os agentes nas distintas situações em que o jogador pode se encontrar profissionalmente. As particularidades de cada discurso estão relacionadas a essa dinâmica da configuração, bem como a posição do sujeito no momento da entrevista (BARROS, 2011). As experiências de quem está empregado retratam a dispensabilidade do empresário, da mesma forma que os desempregados apresentam um grau de dependência maior desses indivíduos para se recolocarem no mercado de trabalho.

A ideia de ambos é manter-se nesse espaço social, visto que o futebol destaca-se pelo crescimento econômico advindo de sua espetacularização (RODRIGUES, 2007). Mesmo sabendo que a realidade financeira da maioria dos profissionais não seja condizente com essa ideia, aqueles que estão dentro da configuração se esforçam para permanecer, e aqueles que estão fora tentam adentrar, com a ilusão de que, em algum momento, poderão beneficiar-se material e socialmente desse espaço, como de certa forma o relato a seguir sugere:

Tem muito cara que promete coisa e não cumpre. Tem muito cara que engana; Aconteceu esses tempos atrás com um amigo meu que estava

na Alemanha e voltou para cá. Apareceu um cara que falou que ia dar um emprego para ele no Rio Branco de Americana. Eu falei para ele: “o cara está te prometendo isso, que você vai ter que dar o dinheiro para ele, para daí você pegar sua transferência e ir jogar no clube”. Ele falou: “é, ele falou que manda a passagem e tudo”. “Então, pede para ele te mandar a passagem primeiro, vai para o clube, dá o dinheiro para o cara e pronto, aí você vai estar com o cara lá”. “Mas ele quer que eu mande o dinheiro antes”, daí eu falei: “não mande o dinheiro antes de você ir para o clube, porque vai dar problema para você, pode ser que o cara seja confiável, pode ser que ele não seja”. Depois de duas semanas ele me ligou: “Pô, o cara sumiu com o meu dinheiro”. Então, muita coisa assim acontece, os caras vão em cara mais novo que tem o sonho de jogar de tudo quanto é forma e tiram dinheiro deles. Já vi isso acontecer várias vezes. Comigo não aconteceu (JOGADOR 5, 2016).

O futebol é um meio propício para esse tipo de ilicitude devido a sua representatividade no cenário nacional, pois se tornou um espaço de crescimento econômico difícil de ser fiscalizado, em que, na maioria das vezes, os negócios são realizados de maneira informal, como relatado pelo atleta (AZEVEDO & REBELO, 2001). Como já aventado, as promessas de ascensão social e financeira tornam alguns desses indivíduos vulneráveis no jogo social, capazes de serem fraudados com facilidade por aqueles que detêm poder para controlar e determinar o resultado dessas disputas simbólicas.

No que diz respeito à formação narrativa, ressaltamos que a relevância das histórias selecionadas está ligada ao interesse que esse tipo de fato tem para as discussões referentes aos bastidores do futebol. Além disso, a memória constitui-se como uma atividade seletiva, em que os participantes apresentam o discurso de forma a torná-lo agradável ao que os pesquisadores apreciariam ouvir (POLLAK, 1992).

### **Considerações finais**

O futebol se consolidou como um meio propício para entendermos a sociedade, já que sua representatividade social evidencia as relações estabelecidas nesse meio e como cada agente se comporta ao fazer parte desse espaço. As fontes orais nos colocam dentro da estrutura, promovendo a reflexão das experiências de quem viveu esse ambiente e pode repassar sua interpretação acerca dos fatos vividos e como esses acontecimentos o condicionaram a chegar até aquele momento.

As relações de poder estabelecidas nas configurações expostas retrataram que o empresário é influente no mercado de trabalho dos jogadores de futebol. Isso acontece principalmente porque, após a Lei Pelé, os atletas passaram a ter maior autonomia para decidir seu rumo profissional. Ademais, cabe sublinhar o crescimento econômico advindo da espetacularização do esporte, que gerou espaço para que os empresários se consolidassem como intermediários na negociação entre clubes e atletas.

As narrativas expõem o empresário como necessário ao meio do futebol, e isso ficou evidente principalmente pela possibilidade de ter alguém capacitado a cuidar da burocracia que envolve a carreira de atleta. Além de demonstrar força na intermediação de oportunidades de trabalho relevantes, que, sem a sua atuação, talvez não fosse possível.

A expectativa quanto às ideias do senso comum que estigmatizam o empresário como uma figura negativa do futebol não se concretiza totalmente, uma vez que os informantes não generalizam seus discursos, inclusive, ressaltando que há indivíduos de boa índole nessa função, muito embora reiterem com frequência a disparidade na balança de poder entre empresário e atleta.

Dessa forma, como as configurações estão constantemente se modificando, as relações entre os atores estudados retratam um notório desequilíbrio de poder de acordo com a posição que ocupam em determinado momento no jogo social. Quando o jogador está empregado, ele aparentemente está no controle da disputa, mas a lógica inverte quando o esportista está desempregado e submete-se às condições do empresário para recolocá-lo no mercado de trabalho.

Assim, a partir da leitura social das narrativas, compreendemos que as oralidades promoveram uma versão da história que não pode ser contemplada nas fontes oficiais e que enriquece cientificamente as discussões no futebol, justamente por abordá-lo em uma perspectiva subjetiva, visto que os detalhes, as emoções, os ocultamentos, os gestos, a entonação da voz e a reinterpretação que os colaboradores apresentaram em suas memórias, ajudaram-nos a compreender as disputas no jogo social.

Ao analisarmos a carreira do atleta por meio da oralidade, compreendemo-na como uma fonte relevante no entendimento do funcionamento nesse espaço, visto que é um dos protagonistas na manutenção dessa dinâmica em evidência. Dessa forma, as relações estabelecidas por esses indivíduos promoveram uma avaliação de sua inserção no futebol e das influências do empresário na sua carreira.

## **Referências Bibliográficas**

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ALBERTI, Verena. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

AZEVEDO, Carlos; REBELO, Aldo. A corrupção no futebol brasileiro. *Motrivivência*, v. 7, n. 17, p. 1-18, 2001. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

BARROS, José D'Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. *Tempos Históricos*, v.15, n.1, p. 371-343, 2011. DOI: <https://doi.org/10.36449/rth.v15i1.5710>

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: Direito, literatura, vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CEDRO, Marcelo. Bourdieu entra em “campo”: o futebol como espaço autônomo de interações, disputas, posições e consagrações. *Tempos Gerais*, v. 3, n. 2, p. 9-26, 2014.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.23, n. 66, 139-150, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100009>

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2011.

FERNANDES, Luiz Fernando Framil. *A gestão dos clubes de futebol como clube empresa: estratégias de negócio*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 2000.

GREEN, Michael. GHAYE, Tony. The Emergent Practices of English Football Agents. *Journal of Global Sport Management*, mar., 2021. DOI: [10.1080/24704067.2021.1888203](https://doi.org/10.1080/24704067.2021.1888203)

GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. *Revista Brasileira de Futebol*, v. 1, n. 2. p. 30-37, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

JAHNECKA, Luciano. *Regimes de visibilidade: a constituição de futebolistas em um futebol menor*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC, 2018.

KELLY, Seamus. CHATZIEFSTATHIOU, Dikaia. ‘Trust me I am a Football Agent’. The discursive practices of the players’ agents in (un)professional football. *Sport in Society*, 21:5, 800-814, 2017. DOI: [10.1080/17430437.2018.1400767](https://doi.org/10.1080/17430437.2018.1400767)

LAHIRE, Bernard. In: CATANI, Afrânio Mendes *et al.* (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEONCINI, Marvio Pereira. *Entendendo o negócio futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol*. Tese (Doutorado em Engenharia) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINS, Roberto Branco. REITER, Gregor. "Players' agents: past, present ... future?" *The International Sports Law Journal*, n. 1-2, p. 1-9, jan./apr., 2010.

MÓSCA, Hugo Motta Bacêllo. DA SILVA, José Roberto Gomes. BASTOS, Sérgio Augusto Pereira. Fatores institucionais e organizacionais que afetam a gestão profissional de departamentos de futebol dos clubes: o caso dos clubes de futebol no Brasil. *Revista Gestão e Planejamento*, v. 10, n. 1, p. 53-71, 2009.

PAOLI, Próspero Brum. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PARRISH, Richard. Regulating players' agents: a global perspective. *The International Sports Law Journal*, n. 1-2, p. 38-43, jan./apr., 2007.

PATAI, Daphne. *História oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001 – 2006)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SMIENK, Mark. Regulation in the market of sports agents. Or no regulation at all? *The International Sports Law Journal*, n. 3-4, p. 70-88, july./oct., 2009.



SMITH, Richard Candida. *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SOUZA, Juliano. *O “esporte das multidões” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TALAMONI, Guilherme Augusto. OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva. HUNGER, Dagmar. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 73-93, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29764>

Recebido em 24 de março de 2022  
Aprovado em 14 de junho de 2022